

Quincas Borba

de Machado de Assis
por Izabel Gavira Massaro



AOL

Análise de Obras Literárias



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

EXPEDIENTE



Autoria: Izabel Gavira Massaro

Direção-geral: Nicolau Arbex Sarkis

Direção editorial: Sandra Carla Ferreira de Castro

Gerência editorial: Emília Noriko Ohno

Coordenação de projeto editorial: Andréa Cozzolino e Brunna Mayra Vieira da Conceição

Consultoria de desenvolvimento editorial:

Caroline Barbosa Lopes do Amaral

Analista editorial: Débora Cristina Guedes

Edição de conteúdo: Brunna Mayra Vieira da Conceição

Coordenação de licenciamento e iconografia: Leticia Palaria de Castro Rocha

Analista de licenciamento: Jade Cristina Bernardino

Coordenação de produção editorial: Marcos Vinicius de Toledo de Oliveira

Coordenação de edição de texto: Anaiza Castellani Selingardi

Edição de texto: Edilene Faria

Coordenação de revisão: Tamires Maldonado C. de Almeida

Revisão: Giselle Lourenço, Márcia de Paiva Fernandes e Vivian Prado de Souza

Colaboração externa: Érica Bettoni (Revisão)

Coordenação de arte: Kleber S. Portela e Leonardo Pires

Projeto gráfico: Kleber S. Portela.

Capa: Kleber S. Portela.

Diagramação: Alexandre Moreira Lemes

Ilustração: Fabrício de Oliveira, Luiza Dora, Rafael Coelho Vilarino e Suellem Silvia Machado

Coordenação de PCP: Anderson Flávio Correia

Analista de PCP: Vandré Luis Soares

Impressão e acabamento: Njwgraf



Coleção AOL

Copyright © Editora Poliedro, 2019.

Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,

Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequente correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

Quincas Borba

de Machado de Assis



AOL

Análise de Obras Literárias



Quincas Borba

de Machado de Assis

Ler Machado de Assis assemelha-se a dar um mergulho nas entranhas da humanidade. Todas as nuances, delícias, dores e contradições que nos fazem humanos são apresentadas pelo autor de uma maneira cortante e certa. Machado despe-nos da hipocrisia e das máscaras e nos faz irmãos nas imperfeições.

Prenda a respiração e adentre essas águas profundas. Quando voltar à superfície para respirar, já estará encantado!





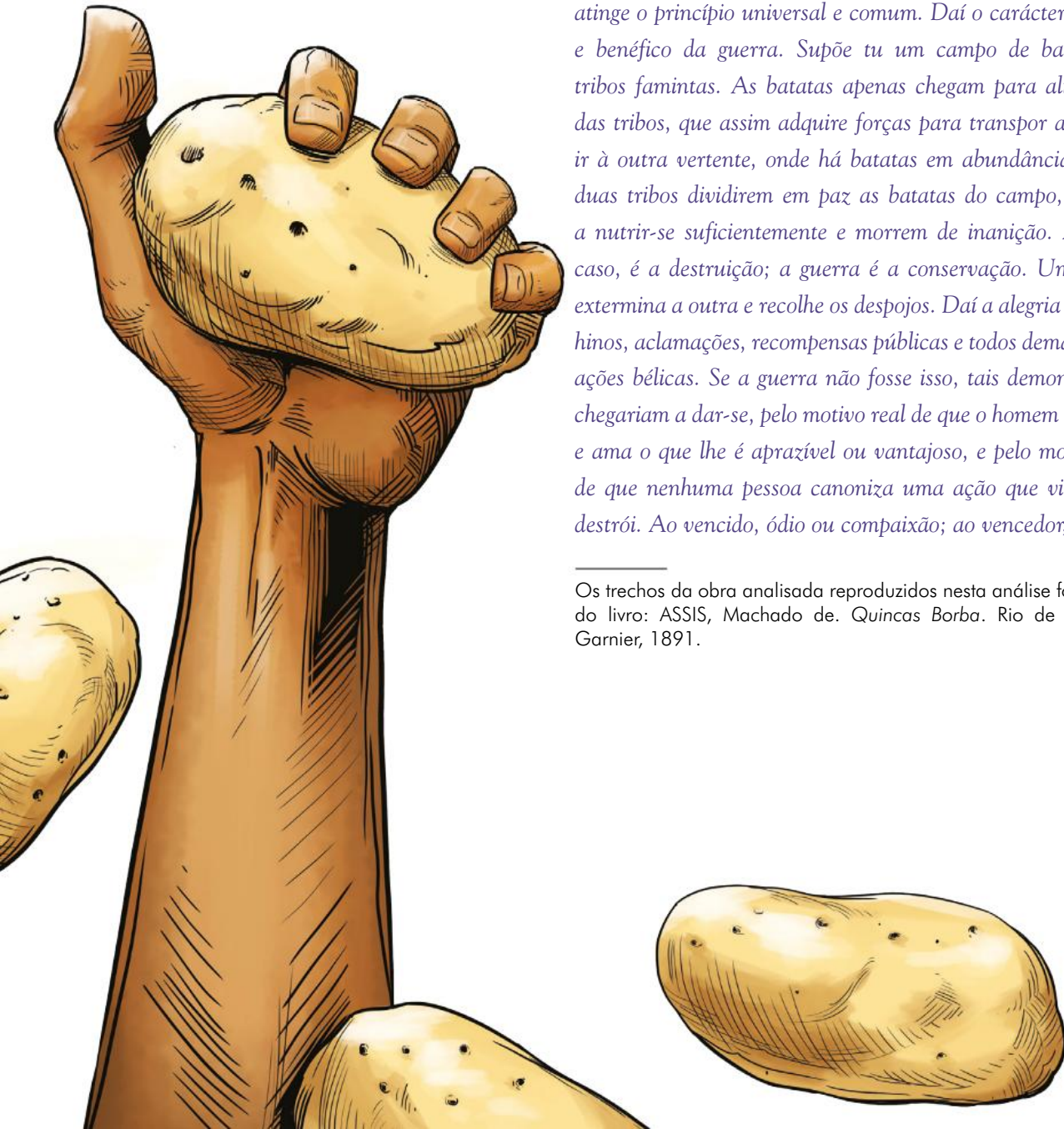
INTRODUÇÃO ▼

Quincas Borba é um romance do escritor brasileiro Machado de Assis. Publicada entre 1886 e 1891 no periódico *A Estação*, a obra é composta de 201 capítulos curtos; e, mesmo não sendo o romance mais conhecido de Machado de Assis, o livro faz parte da trilogia realista do escritor, ao lado de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, tendo, portanto, a mesma relevância. Diferentemente do que ocorre nessas obras, o narrador, em *Quincas Borba*, apresenta-se sob o foco da terceira pessoa, mas nem por isso deixa de apresentar o mesmo questionamento da verdade, característico do autor.

Capítulo VI

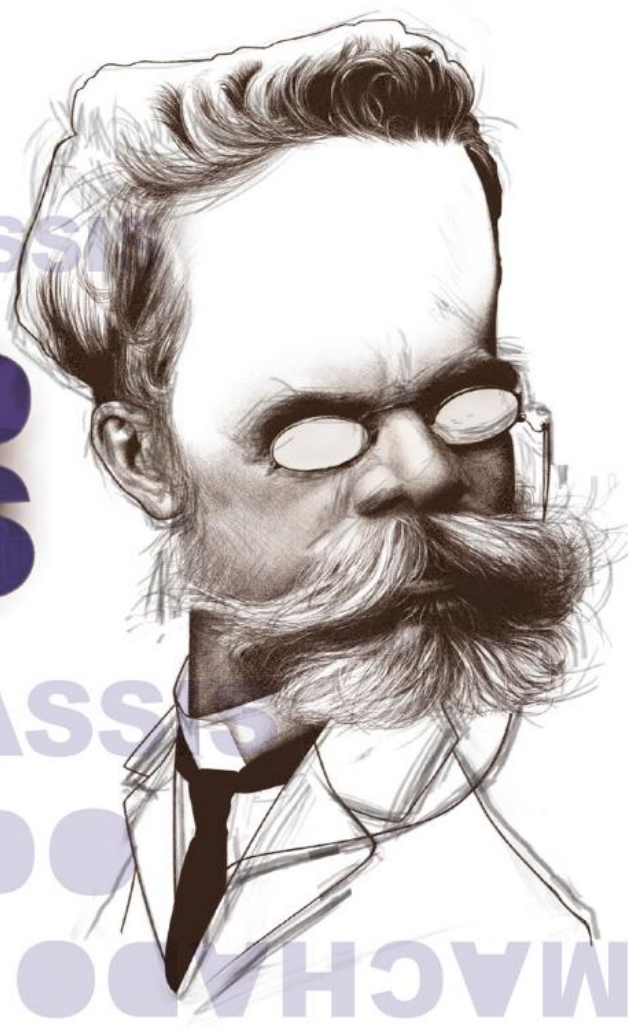
Não há morte. O encontro de ditas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o carácter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

Os trechos da obra analisada reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro: ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1891.



SOBRE O AUTOR ▼

Pequena biografia do autor



Joaquim Maria Machado de Assis, mais conhecido, simplesmente, como Machado de Assis, nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. É filho de Francisco José de Assis e de Maria Leopoldina Machado de Assis – ele brasileiro e negro, ela portuguesa (açoriana). A família estabeleceu-se no Morro do Livramento, sendo pobre e trabalhadora, porém livre e com um diferencial: todos eram alfabetizados.

Trabalhavam na chácara de D. Maria José de Mendonça Barroso e por ela eram protegidos. O pai era

pintor de paredes; a mãe, lavadeira e bordadeira; já o menino encantava a todos com sua rara inteligência.

Anos depois, a família aumentou com a chegada de Maria, nascida em 1841; porém, vítima de sarampo, a irmã caçula faleceu aos 4 anos, devastando emocionalmente toda a família, que perdeu também, no mesmo ano, a protetora D. Maria José.

As perdas do menino Joaquim Maria, porém, apenas tinham começado. Sua mãe Maria Leopoldina morreu, vítima de tuberculose, no ano de 1849.

Infância e adolescência

Com a morte da esposa e de D. Maria José, o patriarca mudou-se da chácara e foi morar na periferia do Rio de Janeiro (São Cristóvão). Conheceu, então, Maria Inês da Silva, uma doceira, e, em 1854, casou-se com ela. O relacionamento do menino com a madrasta era muito afetivo, ela o adorava.

Se o jovem Machado de Assis frequentou escolas regularmente não se sabe, pois não há registro, mas é sabido que, nessa altura, ele já dominava a escrita e dividia seu tempo entre estudos e trabalho, pois ajudava na venda dos doces de Maria Inês. Após esse curto período, acredita-se

que o adolescente Joaquim Maria tenha começado a trabalhar na tipografia de Paula Brito, por quem nutria forte amizade. Com a morte do pai, Machado de Assis deixou a madrasta e passou a sobreviver por conta própria.

Paula Brito – que era editor, jornalista, escritor, poeta, dramaturgo, tradutor e letrista, além de fundador da “Sociedade Petalógica” (“peta” significa mentira) – reunia a jovem elite intelectual da época (da qual participavam Manuel Antônio de Almeida e Joaquim Manoel de Macedo), sendo o responsável por introduzir e apresentar Machado a essa esfera da sociedade.



Machado de Assis, informalmente, recebia aulas de francês e latim do Padre Antônio José da Silveira Sarmiento. Seu primeiro trabalho publicado data de 3 de outubro de 1854: o “soneto ‘À Ilma. Sra. D.P.J.A.’”, veiculado pelo Periódico dos Pobres. O escritor, até então iniciante, colaborou também com os jornais O Paraíba e Correio Mercantil.

Passou a trabalhar na Imprensa Nacional como aprendiz de tipógrafo em 1856, tendo como superior, e posteriormente protetor, Manuel Antônio de Almeida (autor de *Memórias de um sargento de milícias*).

Por meio de um convite de Quintino Bocaiúva, Machado de Assis passou a integrar a redação do Diário do Rio de Janeiro (1860). Trabalhou em diversos jornais e revistas (como O Espelho e Semana Ilustrada) publicando contos, críticas teatrais e crônicas.

Seu primeiro livro publicado, *Queda que as mulheres têm para os tolos*, foi uma tradução de 1861. Trabalhou como censor teatral não remunerado no ano de 1862, tendo acesso livre aos teatros. Colaborou com o periódico literário O Futuro, dirigido, na época, por Faustino Xavier de Novais, que, posteriormente, viria a ser seu cunhado.

Machado de Assis escreveu em vários gêneros e lançou, em 1864, seu primeiro livro de poesias. Foi nomeado, em 1867, ajudante do diretor de publicação do Diário Oficial.

O amigo e cunhado Faustino Xavier de Novais morreu em agosto de 1869. Já comprometido com Carolina Augusta Xavier de Novais, Machado de Assis casou-se com ela no dia 12 de novembro do mesmo ano, menos de três meses após a perda. Carolina foi sua companheira, amiga, amante, confidente, revisora, enfermeira e alma gêmea por 35 anos.

Sob influência do Romantismo, Machado de Assis publicou seu primeiro romance em 1872: *Ressureição*. Foi promovido, no ano seguinte, a primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, cargo que lhe proveu, até o fim, o principal meio de sobrevivência.

Seu romance *A mão e a luva* foi publicado em folhetins do jornal O Globo em 1874. O escritor continuou colaborando com jornais e revistas (O Cruzeiro, A Estação e Revista Brasileira, por exemplo) escrevendo contos, crônicas, romances, poesias e peças de teatro. Muitas de suas produções eram, depois, publicadas em livros. Em junho de 1880, no teatro Dom Pedro II, a sua peça *Tu, só tu, puro amor* foi encenada, em comemoração ao tricentenário de Camões – uma vez que fora especialmente escrita para essa celebração.

A melhor e maior produção de crônicas de Machado de Assis ocorreu no período compreendido entre 1881 e 1897 e foi publicada na Gazeta de Notícias. Assim que o poeta Pedro Luís Pereira de Sousa assumiu o cargo de ministro interino da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (1880), Machado de Assis foi convidado a ser seu oficial de gabinete (cargo que já ocupara, por um curto período, no gabinete de Manuel Buarque de Macedo).

A grande mudança em seu estilo, e consequentemente na literatura brasileira, aconteceu em 1881, com o lançamento de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (publicado primeiramente em folhetins entre 15 de março e 15 de dezembro de 1880). O livro passou a ser o marco do Realismo brasileiro e, a partir disso, as âncoras internas que prendiam o escritor foram soltas.

Machado de Assis transformou a escrita em todos os gêneros em que trabalhava, incluindo os contos *Papéis avulsos* (1882) e as coletâneas que se seguiram. Sua carreira burocrática também deslanchou, e ele foi promovido, em 1889, a diretor da Diretoria do Comércio no ministério em que atuava.

Dedicou-se avidamente à criação da Academia Brasileira de Letras, ideia de Lúcio de Mendonça e de um grupo de intelectuais que se reuniam na redação da Revista Brasileira. Após reuniões, discussões e acertos, no dia 28 de janeiro de 1897, foi inaugurada – com louvor – a Academia Brasileira de Letras, cujo presidente eleito foi Machado de Assis.

Escrevendo sempre e muito, inclusive todos os gêneros literários, ele dominava a tarefa com maestria – porém, não sem sofrimento, pois isso lhe custou as vistas. No final de sua trajetória, já quase cego, Machado de Assis ditava a outros suas obras, que foram muitas.

Em retrospecto, temos então sua poesia, que se iniciou com o Romantismo de *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870), passando pelo Indianismo em *Americanas* (1875) e pelo Parnasianismo em *Ocidentais* (1901). Há, ainda, suas coletâneas *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873), bem como os romances *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), classificados como pertencentes ao Romantismo.

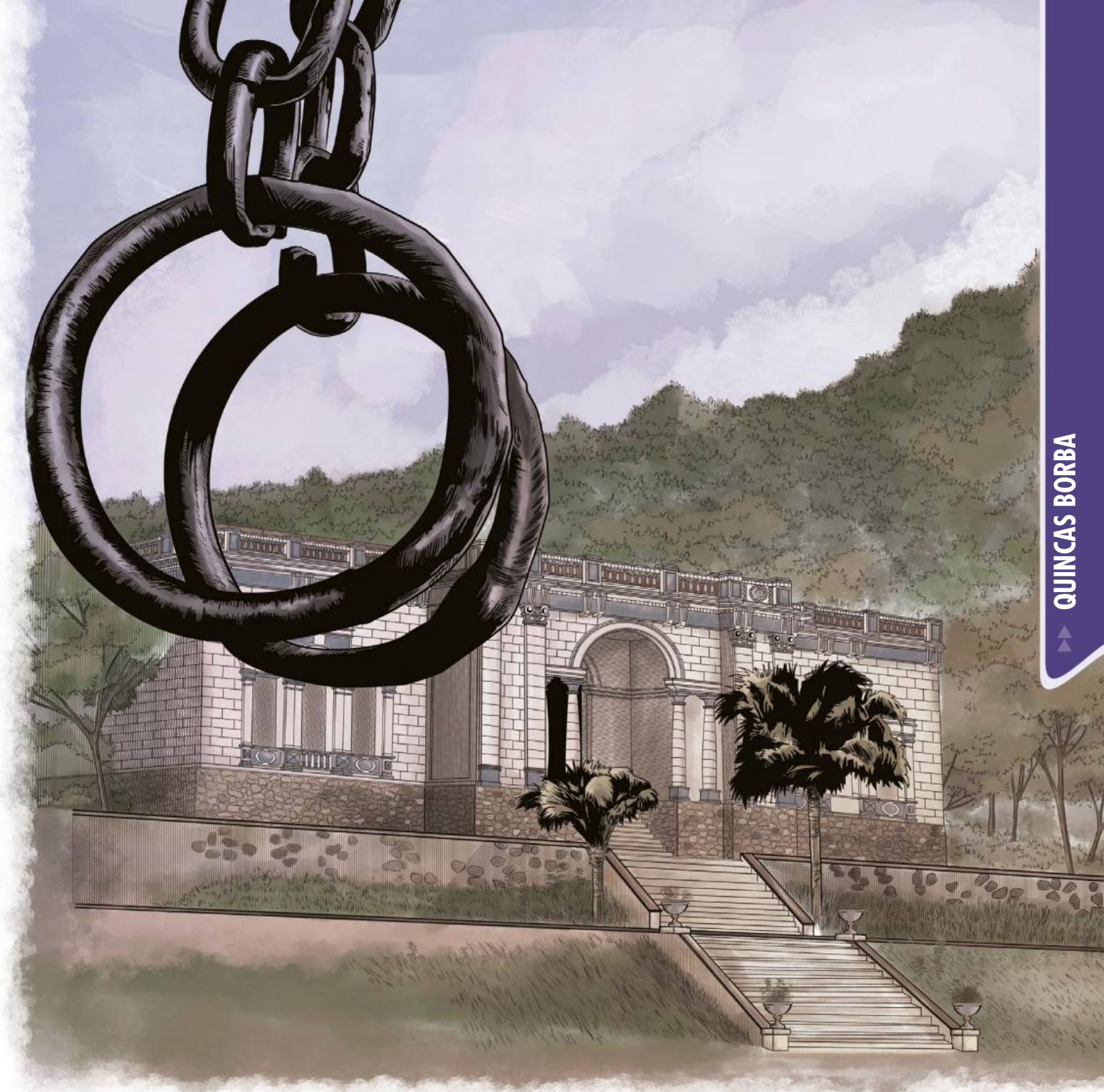
Todavia, foi a partir de 1881 que a transformação e o amadurecimento do escritor ultrapassaram as denominações das escolas literárias conhecidas. Sua produção passava a ser considerada universal, elevando-o à categoria dos melhores autores da literatura brasileira e portuguesa.

O autor e seu período

José de Alencar, Castro Alves, Olavo Bilac, Manuel Antônio de Almeida, Joaquim Manoel de Macedo, Araripe Júnior, Rui Barbosa, José Veríssimo, Euclides da Cunha, João do Rio e Silvio Romero são só alguns dos escritores contemporâneos de Machado de Assis. Para um sujeito que sofria de epilepsia, era gago, negro, órfão e pobre – e, como se não fosse suficiente, enfrentou tudo isso em uma das épocas mais turbulentas e instáveis da história brasileira: entre o final da escravidão e o período pré-republicano –, ser considerado o melhor e o mais completo escritor é algo prodigioso. O que lhe faltou em posses materiais sobrou em talento, visto que foi um autodidata fluente em várias línguas (alemão, inglês e francês) mesmo sendo de origem humilde e não possuindo uma educação formal, tanto que ele foi o tradutor do romance de Vitor Hugo *Os trabalhadores do mar*.

No final do século XIX, a epilepsia ainda era considerada possessão demoníaca por muitos, e os portadores dessa enfermidade viviam com medo de espancamentos, caso tivessem algum surto em lugares públicos. A timidez e essa doença foram responsáveis pela gagueira e pelo câncer de boca que o matou, pois ele tinha o hábito de morder a língua para não sufocar durante os ataques. Contudo, em meio a tantos horrores em sua vida, Machado de Assis viu surgir uma joia: sua ligação com Mário de Alencar. Este, filho de José de Alencar, sofria da mesma enfermidade, o que estabeleceu um elo entre os dois. Passaram a ser, então, como pai e filho, uma vez que Machado de Assis não teve filhos biológicos e amava Mário como tal.

Dentro desse contexto pessoal, o escritor viveu em um Brasil que passava do Romantismo para o Realismo e que sofreu inúmeras mudanças em sua história econômica, política e social. Ocorriam, na época, fatos importantes, como a Guerra do Paraguai (1864-1870), a campanha abolicionista, o fortalecimento da economia agrária e a queda da escravidão e do Império, esta influenciada pelos ideais europeus: liberalismo, socialismo, positivismo, cientificismo etc.



Injustamente, foi acusado por muitos de não lutar pela libertação dos negros, porém ele o fazia de forma sutil e eficiente. Ocupando cargos do governo (mal remunerados), eram-lhe proibidos atos abertos e, além disso, ele discordava de uma busca da libertação a qualquer custo. Na visão dele, esse processo deveria ser bem estudado e bem cuidado para que a população escravizada não ficasse entregue à própria sorte. Acertou na análise.

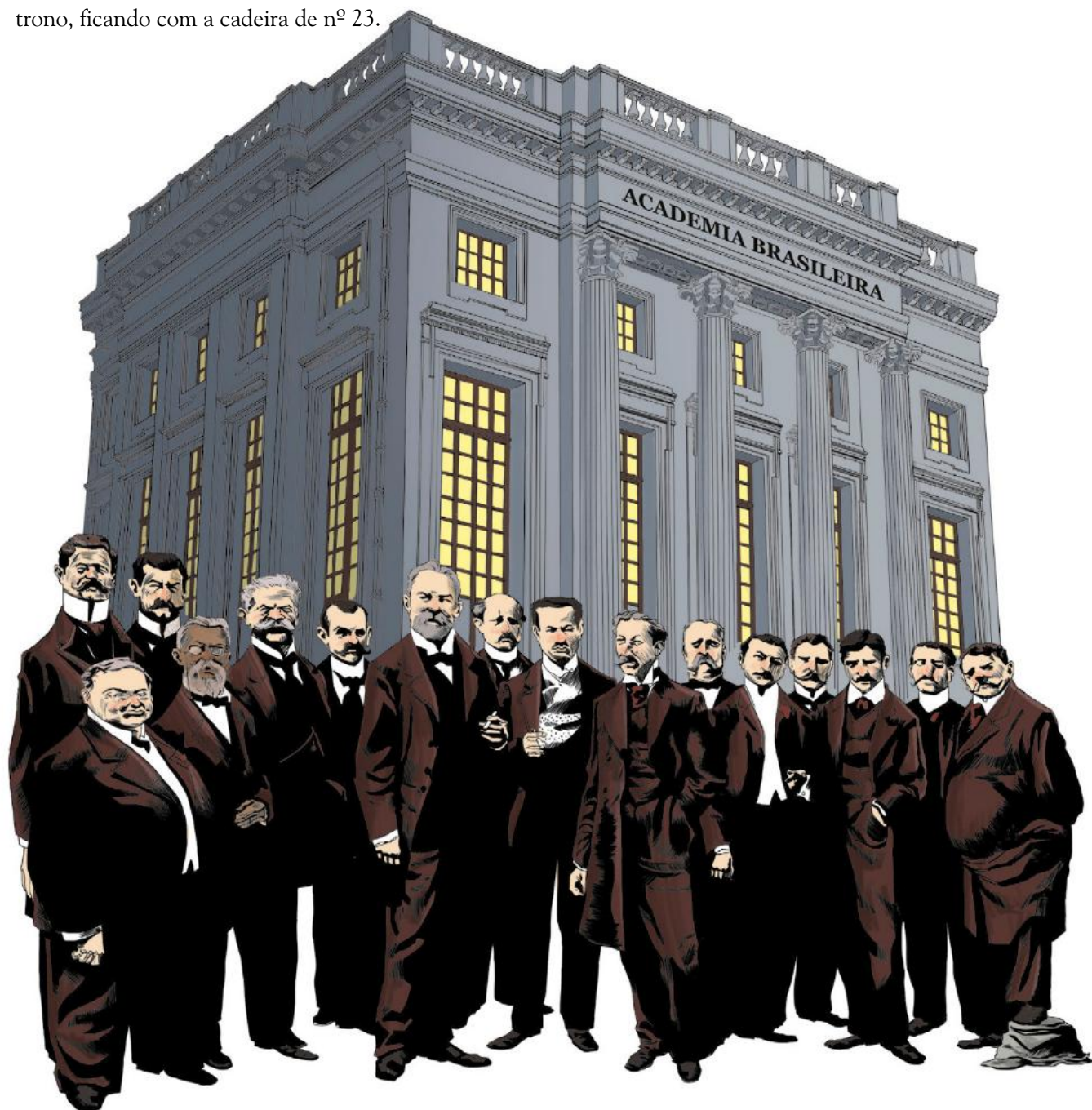
Machado de Assis também soube retratar a elite de sua época, mesmo não pertencendo a ela. E o fez de maneira cortante e certa, porém sutilmente, nas entrelinhas, no silêncio, nas ironias. Sua ligação com os intelectuais e artistas permitiu a ele esse profundo conhecimento sobre os truques sociais, as trocas de favores e os apadrinhamentos, que infelizmente ainda persistem na atualidade como forma de ascensão social.

Alguns temas de suas obras, como a loucura – presente em mais de uma delas e abordada em *Quincas Borba* e *O alienista* –, basearam-se na enfermidade do amigo e cunhado português Faustino Xavier de Novais. Por ser Machado o representante maior do Realismo brasileiro, a escrita machadiana tornou-se mais fria, irônica e pessimista. Tal estilo, que o deixou tão conhecido, tem ainda toques de humor e diálogos com o leitor.

Conforme já mencionado, o autor é um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Ele tornou-se presidente da instituição, mas não ocupou a cadeira de nº 1 porque indicou José de Alencar para ser o patrono, ficando com a cadeira de nº 23.

O autor nunca superou a morte de sua esposa, Carolina Augusta (em 1904, aos 69 anos), e essa ferida o devastou. A ausência da mulher o enfraquecia, e mais uma enfermidade encontrou espaço e campo fértil em sua vida: a depressão.

Machado de Assis faleceu em 29 de setembro de 1908 e foi sepultado no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. Ele foi fiel até o fim ao que acreditava, recusando a extrema unção, pois era descrente das religiões. Posteriormente, seus restos mortais foram levados à Academia Brasileira de Letras, onde permanecem enterrados.



A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras do autor

Comédias

- *Desencantos* (1861)
- *Tu, só tu, puro amor* (1881)

Poesias

- *Crisálidas* (1864)
- *Falenas* (1870)
- *Americanas* (1875)
- *Poesias completas* (1901)

Romances

- *Ressurreição* (1872)
- *A mão e a luva* (1874)
- *Helena* (1876)
- *Iaiá Garcia* (1878)
- *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881)
- *Quincas Borba* (1891)
- *Dom Casmurro* (1899)
- *Esaú Jacó* (1904)
- *Memorial de Aires* (1908)

Contos

- *Contos fluminenses* (1870)
- *Histórias da meia-noite* (1873)
- *Papéis avulsos* (1882)
- *Histórias sem data* (1884)
- *Várias histórias* (1896)
- *Páginas recolhidas* (1899)
- *Relíquias de casa velha* (1906)

Teatro

- *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861)
- *Desencantos* (1861)

- *Hoje avental amanhã luva* (1861)
- *O caminho da porta* (1862)
- *O protocolo* (1862)
- *Quase ministro* (1863)
- *Os deuses de casaca* (1865)
- *Tu, só tu, puro amor* (1881)

Algumas obras póstumas

- *Crítica* (1910)
- *Teatro coligido* (1910)
- *Outras relíquias* (1921)
- *Correspondência* (1932)
- *A semana* (1914/1937)
- *Páginas escolhidas* (1921)
- *Novas relíquias* (1932)
- *Crônicas* (1937)
- *Contos fluminenses – 2º volume* (1937)
- *Crítica literária* (1937)
- *Crítica teatral* (1937)
- *Histórias românticas* (1937)
- *Páginas esquecidas* (1939)
- *Casa velha* (1944)
- *Diálogos e reflexões de um relojoeiro* (1956)
- *Crônicas de Lélío* (1958)
- *Conto de escola* (2002)

Antologias

- *Obras completas – 31 volumes* (1936)
- *Contos e crônicas* (1958)
- *Contos esparsos* (1966)
- *Contos: uma antologia – 2 volumes* (1998)

Aspectos gerais da produção literária do autor

As duas fases de Machado

Influenciadas pela escola literária da época, o Romantismo, as obras de Machado de Assis produzidas até 1881 são classificadas como românticas. Nessa primeira fase, o estilo de escrita é mais simples, ingênuo e idealista. As obras mais conhecidas desse período são *Helena*, *A mão e a luva* e *Ressureição*. Já a produção machadiana a partir desse mesmo ano consta como realista – o marco do Realismo no Brasil, aliás, é sua obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881).

Retratar a realidade nua e crua era um dos objetivos dessa escola e também de Machado. Nesse sentido, ele utilizava recursos da ciência, do positivismo, do determinismo e do evolucionismo para dar veracidade e comprovar suas ideias. *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba* – as obras que fazem parte da trilogia realista – são marcadas pela ironia e pelo pessimismo, por exemplo.

Além disso, a narrativa do autor é caracterizada pela digressão, apresentando também o diálogo com o leitor. Nessas obras, não há uma linearidade no desenvolvimento da história, e sim um vai e vem de recordações que tomam a mente do narrador. A reflexão, nas digressões, costuma abordar temas universais, como traição, adultério, poder, beleza, ser e parecer.



Características da obra machadiana

Seus personagens geralmente pertencem à classe dominante, são ricos e, comumente, integram o topo da pirâmide social. Com sutileza, Machado de Assis descortina as relações sociais, apresentando constantemente o embate entre “ser” *versus* “parecer”. Além disso, ele nos apresenta, de forma desmascarada, todos os “defeitos” humanos, como a vaidade, a futilidade, a hipocrisia, a inveja e o ódio. Dessa forma, fica perceptível que a caracterização dos personagens era mais importante que a ação e o enredo, daí surgia a narrativa mais lenta, que é atenta a todo e qualquer quadro da composição.

Já em seu processo narrativo, as ações e os fatos não seguem um tempo cronológico, apresentando-se conforme são lembrados e conscientizados pelos personagens, com o uso de digressão interrompendo a narrativa. Os personagens podem ser, portanto, considerados esféricos, ou seja, imprevisíveis, além de possuírem grande profundidade psicológica.

Sobre a visão da vida e do homem, o autor revela-se constantemente pessimista e irônico, demonstrando que o “ser” sempre estaria fadado ao fracasso (mesmo quando estava apto ao sucesso social). Em suas obras, é uma constante a visão de desalento ante a miséria física e moral dos personagens.

Em relação à linguagem, também é costumeira a intertextualidade com obras clássicas, sendo também comum a correção vocabular; há, ainda, o recorrente diálogo direto com o leitor, deixando nele seu ponto de vista sobre sua arte.

Quanto aos perfis femininos, Machado de Assis tenta colocar a mulher em pé de igualdade com os homens e, muitas vezes, qualifica-a como mais inteligente. Em suas obras, as mulheres são dissimuladas, ambíguas, astutas, interesseiras, dominadoras, racionais, fortes e adúlteras.

Aspectos gerais da obra analisada

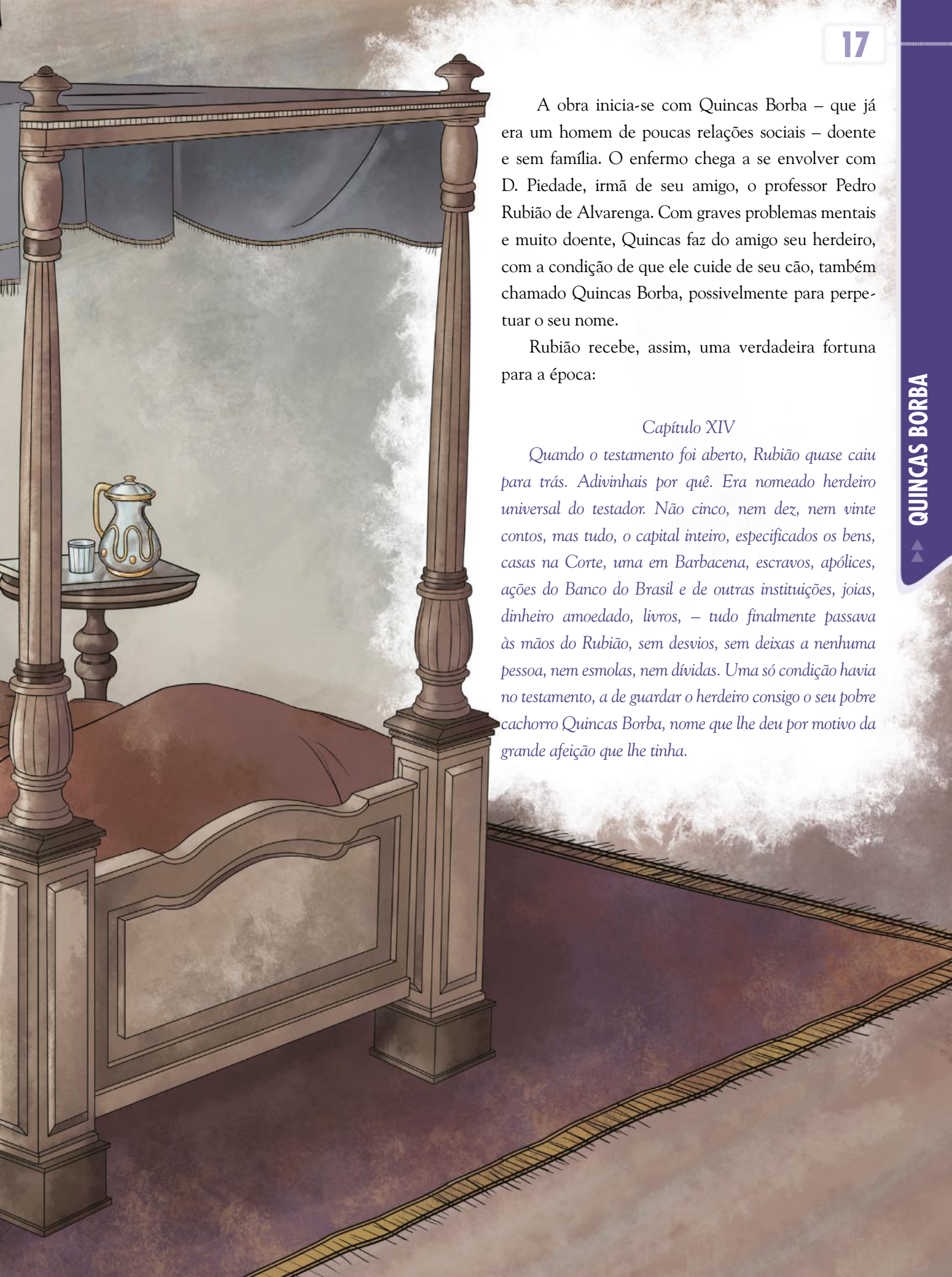
Publicado inicialmente como um folhetim, entre 1886 e 1891, no periódico *A Estação*, *Quincas Borba* é composto de 201 capítulos curtos. Comprovando o ditado que diz “nada é tão ruim que não possa piorar”, a obra não deixa saída nem “luz no fim do túnel” para o protagonista Rubião, intensificando a visão pessimista de Machado de Assis sobre o ser humano.

Observação:

Mesmo sendo Rubião o personagem principal, Quincas Borba, ou Joaquim Borba dos Santos, é que dá nome à obra. Trata-se do mesmo personagem que aparece em alguns capítulos de *Memórias póstumas de Brás Cubas*; amigo deste, mas capaz de furta-lhe o relógio quando se encontra em situação financeira difícil.

Como Brás explica em *Memórias póstumas*, após receber um relógio de ouro, tem-se a explicação de um novo sistema de filosofia, o “Humanitismo” (sátira para o Darwinismo e as teorias científicas da época), cuja máxima era “Ao vencedor, as batatas” e que pregava que a guerra é solução, não a paz; assim, apenas o mais forte seria o sobrevivente.





A obra inicia-se com Quincas Borba – que já era um homem de poucas relações sociais – doente e sem família. O enfermo chega a se envolver com D. Piedade, irmã de seu amigo, o professor Pedro Rubião de Alvarenga. Com graves problemas mentais e muito doente, Quincas faz do amigo seu herdeiro, com a condição de que ele cuide de seu cão, também chamado Quincas Borba, possivelmente para perpetuar o seu nome.

Rubião recebe, assim, uma verdadeira fortuna para a época:

Capítulo XIV

Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, joias, dinheiro amoedado, livros, – tudo finalmente passava às mãos do Rubião, sem desvios, sem deixas a nenhuma pessoa, nem esmolos, nem dívidas. Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo o seu pobre cachorro Quincas Borba, nome que lhe deu por motivo da grande afeição que lhe tinha.

Matuto, ingênuo, sem os traquejos sociais, Rubião decide sair de sua cidade, Barbacena (MG), para conhecer a Corte. Decide, então, morar em uma das casas herdadas. A caminho do Rio de Janeiro, no trem, conhece um casal que embarcara na estação de Vassouras: Cristiano de Almeida e Palha e a esposa, Sofia. A aproximação acontece porque Rubião faz questão de falar em voz alta o motivo de sua viagem, atitude típica de “novos ricos”, que, segundo a narrativa, sentem necessidade de mostrar o quanto têm. Com a amizade estabelecida, o casal ajuda o rapaz a se instalar no Rio de Janeiro e o apresenta à sociedade.

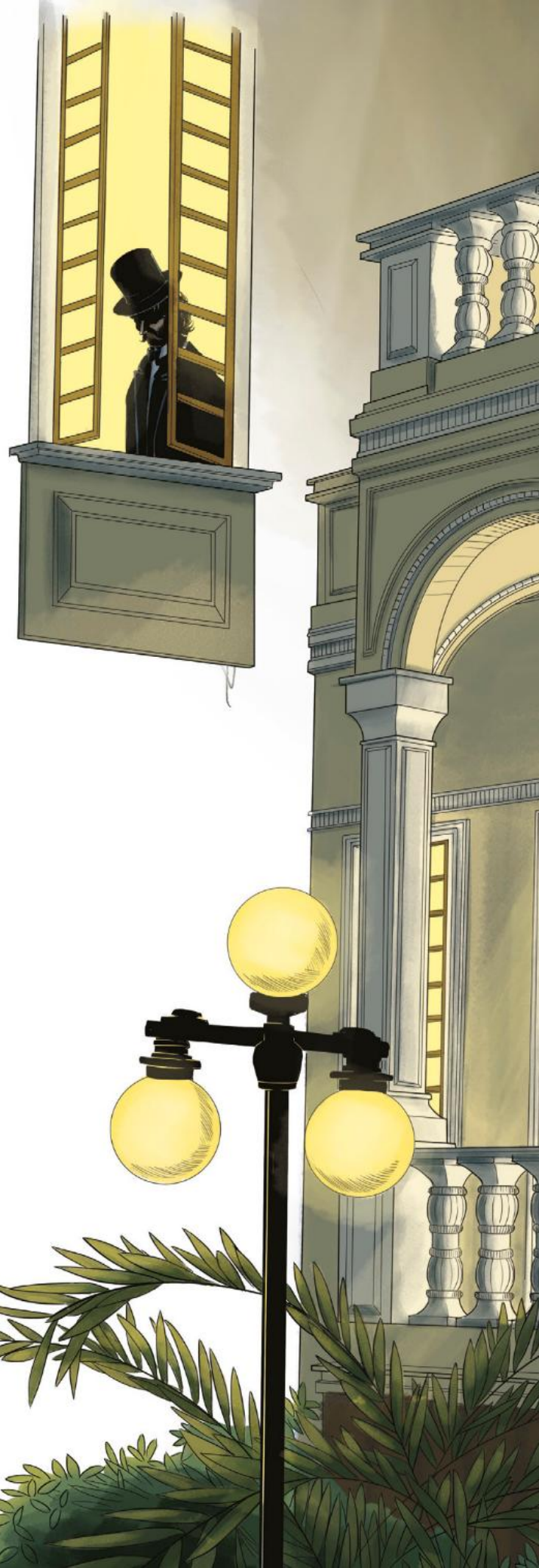
Capítulo I

Que era há um ano? Professor. Que é agora! Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

A relação cordial e amigável entre o casal e Rubião é aprofundada. Tanto que, após se instalar em Botafogo, bairro nobre da capital, ele recebe um convite para jantar na casa dos amigos, junto ao qual vem uma cesta de morangos – interpretados como “morangos adúlteros”, uma vez que o convite fora escrito por Sofia. Rubião, totalmente fascinado pela beleza da mulher, aceita o convite dela para um passeio pelo jardim. A noite está enluarada, e o céu coberto de estrelas, o que mexe profundamente com as emoções de Rubião, que declara seu amor por Sofia e pede a ela que, todas as noites, ao olhar para o céu, procure pelo Cruzeiro como prova de amor, pois ele faria o mesmo para lembrar-se dela.

Sofia fica desconcertada com a declaração, mas, antes que tenha qualquer atitude, Rubião e ela são interrompidos pelo Major Siqueira, um dos convidados do jantar, que tem uma filha solteirona, D. Tonica, interessada em Rubião. Sofia dissimula e se recompõe, mas Rubião, totalmente atrapalhado, fica desconcertado.

Sofia conta ao marido o fato ocorrido no jardim, porém, para sua surpresa, é incentivada a dar falsas esperanças a Rubião, pois Palha tem planos financeiros e quer se aproveitar do sentimento que o rapaz nutre por sua esposa.





Capítulo CLXIII

Há uma escala de ressentimento e de reprovação. Não é só nas ações que a consciência passa gradualmente da novidade ao costume, e do temor à indiferença. Os simples pecados de pensamento são sujeitos a essa alteração, e o uso de cuidar nas coisas afeiçoa tanto a elas, que, afinal, o espírito não as estranha, nem as repele. E nestes casos há sempre um refúgio moral na isenção exterior, que é, por outros termos mais explicativos, o corpo sem mácula.

Após esses fatos, Sofia recebe em sua casa a prima Maria Benedita com a mãe. Ambas moram no campo e, como a prima estava em idade de se casar, precisava aprender os bons modos da cidade (piano e francês eram requisitos básicos). A menina já tinha desistido do aprendizado outras vezes, mas agora a mãe não permitiria que isso ocorresse. Ficou acordado, então, que, quando Maria Benedita sentisse muita saudade, ela e Sofia iriam para o campo.

Sofia, que almeja ascender socialmente, participa de vários grupos beneficentes de senhoras da sociedade

para ampliar seus laços de amizade com a elite carioca. Em um deles (Comissão de Alagoas), aproxima-se de D. Fernanda, a *socialite* mais popular. Começa então uma amizade, que se estabelece entre Sofia, Maria Benedita e D. Fernanda; esta tem um primo chamado Carlos Maria, o mais cobiçado solteiro da Corte. Dias depois, em um baile, Sofia e Carlos Maria valsam, despertando em Rubião ciúmes e em Maria Benedita o desejo de voltar para o campo.

D. Fernanda, que a princípio pretendia casar o primo com uma amiga do Sul, muda de ideia e passa a apoiar o envolvimento dele com Maria Benedita. Assim, o casamento dos dois é marcado. Rubião segue enciumado e surta quando recebe, por engano, uma carta de Sofia destinada a Carlos Maria. Acreditando que há envolvimento amoroso entre os dois, ele vai até a casa dela devolver a carta e acusá-la de trair o enlace amoroso de ambos, não deixando margem para explicações. Na verdade, a carta, ainda fechada, era um comunicado sobre a Comissão de Alagoas.



O mal-entendido é desfeito no aniversário de Sofia. Palha oferece-lhe um baile e, em determinado momento, ela fica a sós com Rubião; então, tem a oportunidade de explicar o conteúdo da carta e de anunciar o casamento da prima com Carlos Maria. Extremamente feliz, Rubião cumprimenta os noivos, que se casam tempos depois e vão para a Europa.

Depois de explorar financeiramente Rubião, Palha se afasta junto da esposa, mas ainda orbitam em torno do mineiro vários interesseiros, “amigos” que praticamente viviam às suas custas e que se proclamavam discípulos de sua filosofia humanista. Tem início, então, o desvario absoluto de Rubião.

Capítulo XLV

Enquanto uma chora, outra ri; é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal. Tudo chorando seria monótono, tudo rindo cansativo, mas uma boa distribuição de lágrimas e polcas, soluços e sarabandas, acaba por trazer à alma do mundo a variedade necessária, e faz-se o equilíbrio da vida.

A loucura de Rubião fica evidente quando ele pede a um barbeiro que lhe corte a barba como a de Napoleão III; e, imitando o imperador, declara-se a Sofia como o próprio Napoleão fez à sua amante. As crises mentais intensificam-se na mesma proporção que seu dinheiro finda. A única que acredita em uma recuperação é D. Fernanda, e Palha se sente coagido a tomar uma atitude. O homem compra-lhe uma casa menor, onde Rubião inicia um tratamento; com isso, os

“discípulos” se dissipam. Na mesma época, Maria Benedita regressa da Europa para ter a filha na Corte.

Posteriormente, sem dinheiro, Rubião torna-se a piada da rua. Ele é internado em uma clínica para tratamento, e o médico acredita na possibilidade de uma cura; mas, antes que isso aconteça, o paciente desaparece. Palha havia dado a Rubião 100 mil contos de réis para se ver livre dele.

Rubião e o cão Quincas Borba voltam para Barbacena. Lá, sem ter onde ficar, dormem na porta da igreja debaixo de uma tempestade. Mesmo acolhido ao amanhecer e tratado por uma comadre que o reconheceu, Rubião não melhora; começa a ter surtos de loucura, despertando a curiosidade de toda a cidade. Louco e vítima de uma febre, morre. O cão, Quincas Borba, três dias depois, segue o mesmo caminho.

Capítulo CXVII

Sobejam exemplos; mas basta um contoquinho que owi em criança e que aqui lhes dou em duas linhas. Era uma vez uma choupana que ardia na estrada; a dona – um triste molambo de mulher – chorava o seu desastre, a poucos passos, sentada no chão. Senão quando, indo a passar um homem ébrio, viu o incêndio, viu a mulher, perguntou-lhe se a casa era dela.

— *É minha, sim, meu senhor; é tudo que eu possuía neste mundo.*

— *Dá-me então licença para que acenda ali meu charuto?*

O padre que me contou isto certamente emendou o texto original; não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias.





Como um todo, o romance desenvolve-se entre meados de 1867 e o início de 1872. Narra a chegada de Rubião à Corte, quando levava uma vida de rico, esbanjando sua fortuna e cercado de parasitas e exploradores – Palha, Sofia, o jornalista Dr. Camacho, o velho Major Siqueira e sua filha Antônia (ou D. Tonica), D. Maria Augusta, tia de Sofia, sua filha Maria Benedita, Carlos Maria e Freitas –, até sua morte no retorno a Barbacena.

Tempo e espaço

Conforme vimos, a história inicia-se em 1867, em Barbacena, Minas Gerais, passando para o Rio de Janeiro a partir de 1870. A morte de Rubião ocorre também em Barbacena, alguns anos depois. O tempo histórico da obra é o Segundo Reinado, período anterior à Proclamação da República. É nesse espaço de tempo que Rubião destrói sua vida.

Foco narrativo

A narração é feita em terceira pessoa, que é onisciente e interfere na história fazendo comentários e dirigindo-se ao leitor. Como o narrador faz intervenções, sua participação não é neutra. Além disso, Machado de Assis utiliza diferentes formas de estabelecer o diálogo entre o narrador e o leitor. Essa nova maneira de escrever ampliou a importância desses elementos na narrativa, com o leitor construindo significados e participando do sentido do texto.

Observação:

Em 1988, foi lançada nos cinemas uma releitura do clássico *Quincas Borba*, de Machado de Assis. Nessa versão, a história se passa em tempos mais atuais.

Personagens



Rubião: protagonista da história, amigo e enfermeiro do filósofo Quincas Borba; vaidoso e ostentador. Não cumpre a condição imposta por Quincas ao tornar-se seu herdeiro – a de cuidar do cão, homônimo do amigo. Apaixona-se por Sofia, compra a amizade de Palha, marido dela, e usa o dinheiro herdado de forma insensata. Termina louco ao lado de Quincas Borba – o cão –, que foi mais fiel e generoso que Rubião.



Quincas Borba: filósofo, criador da teoria humanista. Dá o próprio nome ao seu cão, em uma tentativa de perpetuar-se. Morre e deixa sua fortuna para Rubião.



Quincas Borba – o cão: fiel e generoso, tem seu fim logo após a morte do segundo dono, Rubião.



Sofia: casada com Palha, utiliza-se de seu poder de sedução. É dissimulada, vaidosa, fria e ambiciosa; gosta de ser admirada, além de adorar ostentar o luxo.



Palha: ambicioso, fecha os olhos para os galanteios de outros homens à sua esposa, contanto que estes tenham algo a lhe oferecer. Personagem de características parasitas.



Dr. Camacho: advogado, político e falso jornalista que também se aproveita da fortuna de Rubião.



Maria Benedita: tímida e passiva, morava na roça. Casa-se com Carlos Maria, mas este dedica-lhe pouca atenção, transformando a ideia de casamento feliz em ludíbrio.



Carlos Maria: expansivo, franco e de bons modos, é o conquistador de frases feitas. Sua vontade de casar-se para ser endeusado por sua esposa é alvo de constante ironia ao longo da obra machadiana.



Major Siqueira: sagaz e maledicente, mostra-se, no fim, como despeitado.



D. Tonica: filha de major Siqueira, é solteirona e quarentona. Sua situação, à época, a torna uma mulher invejosa e frustrada.



D. Fernanda: simpática e casamenteira; ama fazer caridade e é considerada uma boa senhora, além de esposa dedicada.

QUESTÕES

1. UPF 2014 Leia as seguintes afirmações sobre a obra *Quincas Borba* de Machado de Assis.

- I. O autor realiza uma profunda análise social, revelando ceticismo em relação à sociedade de seu tempo e em relação à espécie humana.
- II. Sofia é uma personagem ambígua, astuciosa e cerebral, que se distancia da fragilidade das heroínas românticas.
- III. A afeição de Sofia por Rubião, principalmente no final da narrativa, deixa transparecer a preocupação universal diante da dor humana.

Está correto apenas o que se afirma em:

- A I e III. D I.
 B II e III. E II.
 C I e II.

» Texto para a questão 2:

— *Mas que Humanitas é esse?*

— *Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, — ou, para usar a linguagem do grande Camões:*

Uma verdade que nas coisas anda,
Que mora no visível e invisível.

Pois essa sustância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas.

Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?

— *Pouco; mas, ainda assim, como é que a morte de sua avó...*

— *Não há morte. O encontro de ditas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir*

à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 648-9.

2. Insuper 2013 Nesse excerto, *Quincas Borba* explica a base de sua teoria humanista, finalizando com a máxima “Ao vencedor, as batatas”. O personagem apresenta, em seu discurso, uma concepção

- A subjetiva, tipicamente romântica, que revela uma visão idealizada da guerra.
 B maniqueísta, tipicamente parnasiana, que vê o mundo dividido entre o bem e o mal.
 C ingênua, tipicamente determinista, que expressa uma visão destituída de valores morais.
 D pragmática, tipicamente naturalista, que expressa um olhar impassível diante de vitórias ou mortes.
 E estereotipada, tipicamente realista, que enxerga os homens como seres movidos por instintos primitivos.

3. Enem

Capítulo III

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala: um Mefistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, — primor de argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o

aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pode deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.

ASSIS, M. Quincas Borba. In: *Obras completas*. v.1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993. (Fragmento).

Quincas Borba situa-se entre as obras-primas do autor e da Literatura brasileira. No fragmento apresentado, a peculiaridade do texto que garante a universalização de sua abordagem reside

- A no conflito entre o passado pobre e o presente rico, que simboliza o triunfo da aparência sobre a essência.
- B no sentimento de nostalgia do passado devido à substituição da mão de obra escrava pela dos imigrantes.
- C na referência a Fausto e Mefistófeles, que representam o desejo de eternização de Rubião.
- D na admiração dos metais por parte de Rubião, que metaforicamente representam a durabilidade dos bens produzidos pelo trabalho.
- E na resistência de Rubião aos criados estrangeiros, que reproduz o sentimento de xenofobia.

4. UFRGS Assinale a alternativa correta em relação a *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

- A O título do livro, como esclarece o narrador, refere-se ao filósofo Quincas Borba, criador do “Humanitismo”.
- B Quincas Borba é apenas um interiorano milionário explorado por parasitas sociais como Palha e Camacho.
- C Rubião é objeto de disputa amorosa entre a bela Sofia e Dona Tonica, filha do major Siqueira.
- D Rubião, sócio do marido de Sofia, comete adultério com ela sem levantar suspeitas.
- E Ao fugir do hospital, Rubião retorna com Quincas Borba à sua cidade de origem, Barbacena.

5. UFMG Assinale a alternativa em que, no trecho transcrito de *Quincas Borba*, se faz referência a Rubião.

- A Assim, o contato de Sofia era para ele como a pros-ternação de uma devota. Não se admirava de nada. Se um dia acordasse imperador, só se admiraria da demora do ministério em vir cumprimentá-lo.
- B Desde o paço imperial, vinha gesticulando e falando a alguém que supunha trazer pelo braço, e era a Imperatriz. Eugênia ou Sofia? Ambas em uma só criatura, ou antes a segunda com o nome da primeira.
- C Era o caso do nosso homem. Tinha o aspecto baralhado à primeira vista; mas atentando bem, por mais opostos que fossem os matizes, lá se achava a unidade moral da pessoa.
- D Formado em direito em 1844, pela Faculdade do Recife, voltara para a província natal, onde começou a advogar; mas a advocacia era um pretexto.

6. UFRGS Com base na obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis, assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo.

- Ao declarar seu amor por Sofia na festa da casa de Palha, Rubião vive uma crise moral, oscilando entre a culpa e a inocência.
- Na tentativa de justificar sua atitude, Rubião atribui a Sofia a responsabilidade da declaração de amor, ao mesmo tempo que procura suavizar a culpa da mulher.
- Quando Sofia relata a Palha a declaração de amor que Rubião lhe fez, o marido reage violentamente e jura vingança.
- Apesar do jogo de sedução, Sofia não comete adultério com Quincas Borba, mas o faz com Carlos Maria, por quem se apaixona perdidamente.
- O narrador, no último capítulo da obra, afirma a indiferença da natureza aos risos e às lágrimas humanos.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- A F – V – F – V – V.
- B V – V – F – F – V.
- C F – F – V – V – F.
- D V – F – V – V – F.
- E F – V – F – F – V.

7. UFRGS Considere as seguintes afirmações sobre o personagem Rubião, de *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

- I. Ao tornar-se herdeiro universal de Quincas Borba, Rubião passa a sonhar com a sua participação nos circuitos da riqueza e do poder da sociedade carioca.
- II. Rubião, já integrado à elite carioca, revolta-se contra as artimanhas de Sofia e de Palha para explorá-lo.
- III. Em decorrência das transformações em sua vida, Rubião vem a manifestar sintomas de desequilíbrio mental.

Quais estão corretas?

- A) Apenas I.
- B) Apenas II.
- C) Apenas I e III.
- D) Apenas II e III.
- E) I, II e III.

8. ITA Em 1891, Machado de Assis publicou o romance *Quincas Borba*, no qual um dos temas centrais do Realismo, o triângulo amoroso (formado, a princípio, pelos personagens Palha-Sofia-Rubião), cede lugar a uma equação dramática mais complexa e com diversos desdobramentos. Isso se explica porque

- A) o que levava Sofia a trair Palha era apenas o interesse na fortuna de Rubião, pois ela amava muito o marido.
- B) Palha sabia que Sofia era amante de Rubião, mas fingia não saber, pois dependia financeiramente dele.
- C) Sofia não era amante de Rubião, como pensava seu marido, mas sim de Carlos Maria, de quem Palha não tinha suspeita alguma.
- D) Sofia não era amante de Rubião, mas se interessou por Carlos Maria, casado com uma prima de Sofia, e este por Sofia.
- E) Sofia não se envolvia efetivamente com Rubião, pois se sentia atraída por Carlos Maria, que a seduziu e depois a rejeitou.

➤ Texto para as questões de 9 a 12.

Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 648-9.

9. UEL Nessa passagem, quem fala é Quincas Borba, o filósofo. Suas palavras são dirigidas a Rubião, ex-professor, futuro capitalista, mas, no momento, apenas enfermeiro de Quincas Borba. É correto afirmar que a maneira como constrói esse discurso revela preocupação com:

- A) a clareza e a objetividade, uma vez que visa à compreensão de Rubião da filosofia por ele criada, o Humanitismo.
- B) a emotividade de suas palavras, dado objetivar despertar em Rubião piedade pelos vencidos e ódio pelos vencedores.
- C) a informação a ser transmitida, pois Rubião, sendo seu herdeiro universal, deverá aperfeiçoar o Humanitismo.
- D) o envolvimento de Rubião com a filosofia por ele criada, o Humanitismo, dada a urgência em arregimentar novos adeptos.
- E) o estabelecimento de contato com Rubião, uma vez que o mesmo possui carisma para perpetuar as novas ideias.

10. UEL Com base nas palavras de Quincas Borba, considere as afirmativas a seguir.

- I. As duas tribos existem separadamente uma da outra.
- II. A necessidade de alimentação determina os termos do relacionamento entre as duas tribos.
- III. O relacionamento entre as duas tribos pode ser amistoso (“dividem entre si as batatas”) ou competitivo (“uma das tribos extermina a outra”).
- IV. O campo de batatas determina a vitória ou a derrota de cada uma das tribos.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- | | |
|---------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> A) I e IV. | <input type="checkbox"/> D) I, II e III. |
| <input type="checkbox"/> B) II e III. | <input type="checkbox"/> E) I, II e IV. |
| <input type="checkbox"/> C) III e IV. | |

11. UEL O Humanitismo, filosofia criada por Quincas Borba, é revelador:

- A) do posicionamento crítico de Machado de Assis aos muitos “ismos” surgidos no século XIX: Darwinismo, Positivismo, Evolucionismo.
- B) da admiração de Machado de Assis pelos muitos “ismos” surgidos no início do século XX: Futurismo, Impressionismo, Dadaísmo.
- C) da capacidade de Machado de Assis em antever os muitos “ismos” que surgiriam no século XIX: Darwinismo, Positivismo, Evolucionismo.
- D) da preocupação didática de Machado de Assis com a transmissão de conhecimentos filosóficos consolidados na época.
- E) da competência de Machado de Assis em antecipar a estética surrealista surgida no século XX.

12. UEL Ao definir a paz como “destruição” e a guerra como “conservação”, o autor do texto:

- A) serve-se de um recurso argumentativo incompatível com a realidade a que se refere.
- B) critica aqueles que sentem repugnância ou pedem misericórdia para os povos derrotados na guerra.

- C) baseia-se em uma forma de raciocínio relacionada a uma situação hipotética específica.
- D) procura comprovar que, embora pareça ser uma solução, a guerra traz grandes prejuízos à humanidade.
- E) refere-se à guerra para destacar as diferenças entre o funcionamento da economia nas sociedades primitiva e moderna.

➤ Texto para a questão 13.

Capítulo CC

Poucos dias depois, [Rubião] morreu... Não morreu súbito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, – uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

— Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.

Capítulo CCI

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá título ao livro, e por que antes um que outro, – questão prenhe de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

Machado de Assis, *Quincas Borba*.

13. Fatec Depreende-se do texto que

- A ao narrar a agonia de Rubião, o narrador deixa implícito que aquele merecia as honrarias de um rei.
- B a ambiguidade no título do romance, *Quincas Borba*, justifica-se pelo fato de o autor não conseguir definir-se por homenagear o filósofo ou seu cão.
- C a afirmação que encerra o capítulo CC revela um traço machadiano característico: a ironia.
- D a declaração de que Sofia não quis fitar o Cruzeiro revela a indiferença como matriz do estilo do autor.
- E a linguagem empregada para descrever a morte de Quincas Borba revela tendência do narrador a dar mais importância ao cão do que a Rubião.

14. Ufes Quincas Borba, criador da filosofia do Humanitismo, resumia o princípio do Humanitas em um lema: “ao vencedor, as batatas”. Ao término da leitura do livro de Machado de Assis, pode-se afirmar que esse lema está intimamente associado ao desenvolvimento e ao desfecho do enredo. Emblematicamente, a narrativa *Quincas Borba* demonstra esse princípio filosófico ao colocar as personagens em confronto permanente no espaço social, procurando sempre um a pilhagem do outro. A partir desse contexto, é **incorreto** dizer que

- A o narrador é onisciente, expondo todos os personagens ao dissecamento moral.
- B o narrador, em primeira pessoa, isenta-se de comentar os fatos da narrativa.

- C o tema do Humanitismo pode ser resumido em “o homem é o lobo do homem”.
- D Palha e Sofia são personagens que encarnam a ética da tribo vencedora do Humanitas.
- E Quincas Borba, cão, é um personagem que leva a fidelidade às últimas consequências.

15. Fuvest Assinalar a alternativa que transcreve passagem do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis:

- A “Era o ‘Quincas Borba’, o gracioso menino de outro tempo, o meu companheiro de colégio, tão inteligente e abastado. Quincas Borba!”.
- B “Saberia Rubião que o nosso Quincas Borba trazia aquele grãozinho de sandice, que um médico supôs achar-lhe? Seguramente, não; tinha-o por homem esquisito.”
- C “Era tarde para mandar o camarote a Escobar; saí, mas voltei no fim do primeiro ato. Encontrei Escobar à porta do corredor.”
- D “Sim, a lamparina ia morrendo, mas ainda podia dar luz ao regresso de Paulo. Quando Flora o viu entrar e ajoelhar-se outra vez, ao pé do irmão, e ambos dividirem entre si as mãos dela, mansos e cordatos, ficou longamente atônita.”
- E “Tristão e Fidélia desceram hoje e Aguiar os foi buscar à Prainha. Dali vieram almoçar ao Flamengo, onde D. Carmo esperava os recém-casados e os abraçou cheia de coração.”

GABARITO

1. C

Afirmativa I: correta. O autor mostra o mundo da corte, das amigadas interesseiras e das aparências acima de tudo, o que permite uma crítica ácida à sociedade burguesa.

Afirmativa II: correta. Sofia era uma mulher sem escrúpulos, oportunista e ambiciosa, muito longe da descrição de uma heroína romântica.

Afirmativa III: incorreta. Sofia nunca nutriu por Rubião nenhum tipo de afeto, apenas interesses estavam em jogo.

2. D

A teoria humanitista de Quincas Borba expressa a ideia da supremacia do mais forte e do mais esperto, uma sátira machadiana ao cientificismo do século XIX e à teoria de Charles Darwin acerca da seleção natural. Assim, é correta a opção D, pois o discurso do personagem apresenta uma concepção típica do naturalismo, ou seja, uma visão concreta e materialista da existência, indiferente a vitórias ou mortes, conforme o seguinte trecho: *A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos.*

- 3. A**
O conflito entre os valores provincianos e os oferecidos pela Corte está evidenciado na hesitação de Rubião em aceitar criados brancos e em valorizar objetos que não fossem de ouro ou prata, como as estatuetas de bronze de Mefistófeles e Fausto (personagens de *Fausto* de Goethe, onde se tematiza o fascínio pelo poder e sua obtenção mesmo em troca da própria essência). Rubião, que no passado havia sido um pobre professor na cidade de Barbacena, via-se agora impelido por Palha a adotar atitudes que evidenciassem a sua ascensão social, já que tinha ficado rico por meio da herança de seu mestre, o filósofo Quincas Borba.
- 4. E**
Alternativa A: incorreta. O título não se refere somente ao filósofo, mas também ao seu cão.
Alternativa B: incorreta. Quincas Borba é também o nome dado ao cão.
Alternativa C: incorreta. Sofia não tinha interesse amoroso em Rubião.
Alternativa D: incorreta. Sofia não comete adultério.
- 5. B**
Alternativa A: incorreta. Faz referência a Carlos Maria.
Alternativa C: incorreta. Faz referência a Palha.
Alternativa D: incorreta. Faz referência a Camacho.
- 6. B**
Terceira afirmativa: falsa. Palha não quer vingança, mas sim tirar vantagem financeira de Rubião.
Quarta afirmativa: falsa. Sofia não comete adultério.
- 7. C**
Afirmativa II: incorreta. Rubião não percebe que está sendo explorado ao longo da obra, não podendo, então, revoltar-se por isso.
- 8. D**
As alternativas A, B, C e E dizem que Sofia cometeu adultério, o que não se concretiza na obra.
- 9. A**
Alternativa B: incorreta. Quincas Borba não quer emocionar Rubião.
Alternativa C: incorreta. Não há o desejo do aperfeiçoamento do Humanitismo.
Alternativa D: incorreta. Não há busca por novos adeptos.
Alternativa E: incorreta. Rubião não é carismático.
- 10. D**
Afirmativa IV: incorreta. Não é o campo que determina a vitória ou a derrota, mas sim o prêmio: as batatas.
- 11. A**
Alternativa B: incorreta. Há uma crítica, e não admiração.
Alternativa C: incorreta. Machado de Assis é contemporâneo dos “ismos” alegados na informação.
Alternativa D: incorreta. Não há preocupação didática do autor, mas ironia.
Alternativa E: incorreta. Não existe essa antecipação surrealista.
- 12. C**
Alternativa A: incorreta. O recurso não é incompatível.
Alternativa B: incorreta. Não há crítica.
Alternativa D: incorreta. O que há, na realidade, é o enaltecimento da guerra.
Alternativa E: incorreta. O argumento não diz respeito à economia das sociedades.
- 13. C**
Alternativa A: incorreta. Machado de Assis é irônico e não deixa implícito que Rubião seja aclamado como rei.
Alternativa B: incorreta. Não há ambiguidade no título.
Alternativa D: incorreta. Não é a indiferença a matriz de seu estilo, mas a ironia.
Alternativa E: incorreta. No capítulo da morte do cão, não há intenção de fazê-lo mais importante que Rubião.
- 14. B**
Esta é a única afirmativa errada, pois o narrador é de terceira pessoa e onisciente.
- 15. B**
As outras passagens representam, respectivamente, os seguintes livros:
Alternativa A: *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
Alternativa C: *Dom Casmurro*.
Alternativa D: *Esau e Jacó*.
Alternativa E: *Memorial de Aires*.

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP
Telefone: 12 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br



1 9034 11 000296